

À JANELA

Aida Jordão, 2005

[“À Janela” recebeu o 2º Prémio do concurso literário com o tema A Mulher e a Imigração, patrocinado pelo Instituto Camões e o Centro de Estudos Portugueses, University of California, Berkeley. O Prémio foi anunciado por Inês Pedrosa no jantar de encerramento do Congresso A Vez e a Voz da Mulher em Portugal e na Diáspora, 24 de Abril, 2005.]

Lisboa, 1962

Tenho três anos. Estou de pé em cima dum banquinho com os cotovelos apoiados no parapeito da janela. Adoro estar à janela. Dizem, “Qual é coisa qual é ela, chega à casa põe-se logo à janela?” “É a Paula.” Sou eu, não é o botão. Sou eu. Tenho cuidado para não cair do banquinho, senão a mamã não me deixa estar aqui mais.

A nossa rua é estreitinha e não passam carros. Não cabem. A mamã diz que a nossa rua foi feita para burros e carroças. Quase que posso tocar na cabeça das raparigas grandes que estão a brincar ao pé coxinho mesmo por baixo da minha janela de rés-do-chão. Com giz azul e cor de rosa, desenharam um avião no alcatrão. A Ana Maria é que está a ganhar. Eu quando for grande, vou ser como a Ana Maria, com tranças e uma bata da escola às risquinhas. Debruço-me para agarrar numa trança, mas não chego lá. A Ana Maria, que estava desequilibrada a tentar pegar na pedrinha, vira-se de repente e faz-me uma careta. “Olha a bebé com a chucha, não tem vergonha de estar para aí a chuchar, a chuchar?” Fico paralisada e chucho na chucha com mais intensidade. Elas, as raparigas grandes, riem-se de mim, mas depois não me ligam nenhuma.

A mamã chama-me de lá de dentro. “Paula, ó Paulinha. vem cá à mamã.” Embora me sinta humilhada pela desfeita da Ana Maria e as suas tranças estúpidas, não quero abandonar o meu poiso. A mamã agarra-me por trás e eu agarro-me ao parapeito com força. Começo a berrar e a

chucha cai no chão, no lado de fora da janela. A Ana Maria pega nela e entrega-a à mamã.

“Obrigada, Aninhas, tu és sempre tão bem comportadinha.” “Não tem de quê, Dona Emília.” Que injustiça! Continuo a berrar. O meu orgulho doi tanto, tanto e quero a minha chucha. “Vamos lá que o papá está a chegar.”

Berro ainda mais porque quero ficar à janela, porque é tão bom quando o papá chega e sorri ao ver-me à janela, aquele sorriso radiante que só o meu papá tem. E depois o meu sorriso, como um eco visual, e eu a encher as bochechas como um peixe balão, porque o papá, com uma mão só, aperta-me as bochechas e sai um sopro como um punzinho. É por esse momento delicioso que eu espero à janela. E a mamã parece entender o meu pânico porque, com um suspiro, pega-me ao colo e senta-se no banquinho comigo. Ainda estou agarrada ao parapeito da janela e ficamos ali as duas à espera do papá. Sou feliz à janela, com a mamã, à espera do papá,

Toronto, 1967

Vivo em Scarborough num prédio de quatorze andares com janelas grandes e rectangulares. O nosso apartamento é no quinto andar. As janelas têm dois vidros e não abrem nem para fora nem para dentro. Num cantinho pode-se correr os vidros para entrar ar, mas há lá uma rede fininha e por isso não posso pôr a cabeça de fora. Nunca tinha visto janelas assim mas aqui é mesmo tudo diferente.

Já não gosto tanto de estar à janela e não é por ser mais velha. Aqui passam poucas pessoas a pé e as crianças não brincam na rua. A mamã diz que há sítios mais bonitos com árvores e ruas mais estreitas mas por enquanto temos que viver aqui. Que grande chatice. Divirto-me a contar os carros que passam a grande velocidade. São de todas as cores e grandes, enormes, como barcos. O papá diz, “No Canadá os carros compram-se ao metro.”

Foi o que fez mal cá chegamos. Comprou um Impala comprido e vermelho como as cerejas e descapotável. No verão fomos a lagos lisos como espelhos fazer piqueniques e nadar na água

limpa e gelada. Ficava sempre arrepiada mas gostava daquele choque ao mergulhar pela primeira vez.

Mas agora é Inverno, as árvores estão nuas e cinzentas, o céu cinzento também e aqui estou feita parva a ver os carros a passar. Na televisão ouve-se o *General Hospital*. Tento aprender inglês com a televisão porque na escola fazem pouco de mim. “Doctor, willy live?” “Yes, dão-te crai missiz Robinson.”

A mamã vem ter comigo. Tem um ar preocupado. “Que horas são?” “Quase quatro.” “O teu pai já devia ter chegado.” Põe-se à janela e eu vou para ao pé dela. A mamã passa horas à janela à espera do papá. Em Lisboa ela trabalhava mas aqui fica em casa o dia todo sózinha. Gostava de ficar com ela mas tenho que andar naquela maldita escola aonde não conheço ninguém, a aprender aquele maldito inglês.

O telefone toca e a mamã vai a correr atendê-lo. Chama-me porque estão a falar Inglês. Pego no auscultador e oiço aquelas palavras estranhas mas percebo hospital. Fico atrapalhada e digo, “General Hospital, channel 7” desejando que não seja o verdadeiro hospital. A mamã, em pânico, agarra no telefone. “Hospital? Qual hospital? Qual hospital?” Sinto-me mal. Sinto um calor a subir-me à cabeça e depois um frio gelado aperta-me o estômago. Sei que estão a falar do papá. A mamã diz, “Mai ásbande? Ó meu Deus, ó meu Deus.” Desliga, corre para o armário, veste o casaco e agarra na mala. Estou paralisada mas sinto as lágrimas que me molham as bochechas. Queria que tudo voltasse ao normal. Queria olhar pela janela e ver o papá a sair do carro novo cor de cereja e depois eu a correr para ir ter com ele e ele a pegar-me nos braços e eu a sentir a fazenda áspera do casaco dele. Mas agora nada é normal. A mamã veste-me a canadiana que comprámos no Honest Ed’s a semana passada. Depois limpa-me as lágrimas com o lençinho branco que cheira a Evening in Paris. Diz, “Vamos, Paulinha, vamos buscar o papá.” Mas a mamã não deve saber o caminho e não fala inglês, Como é que vamos encontrar o papá nesta cidade estranha e fria?